

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA E X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Espiritualidade africana, indígena e resistência: reflexões e impactos na educação e identidade cultural

Daniel Valério Martins¹ 

RESUMO

Este texto busca descrever de maneira analítica a mesa temática Espiritualidade Africana, Indígena e Resistência, realizada no XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica e X Seminário do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade-PPGREC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia ocorridos no mês de março de 2025. O papel das discussões estabelecidas na mesa de debate era o de destacar a interseção entre espiritualidade, identidade cultural e resistência dos povos indígenas e afrodescendentes no Brasil. A mesa, moderada pelo Dr. Daniel Valério Martins, contou com a participação da Dra. Maria Muniz de Andrade Ribeiro e de Valdomiro Souza Lima, representantes indígenas do povo Pataxó Hã-Hã-Hãe, que abordaram a espiritualidade indígena e seu papel na educação. Também participou o Mestre Eudes Batista Siqueira, da Secretaria de Educação da Bahia, que discutiu a espiritualidade africana e sua relação com os processos de resistência histórica. O debate evidenciou a centralidade da espiritualidade na formação das identidades coletivas e individuais, reforçando seu papel na construção de práticas educativas mais inclusivas. A partir da discussão e das intervenções do público, o presente texto explora como os saberes espirituais são fundamentais na preservação das culturas originárias e na luta contra a discriminação étnica.

Palavras-chave: Espiritualidade indígena; Espiritualidade africana; Resistência.

INTRODUÇÃO

A espiritualidade tem sido historicamente um elemento central na identidade cultural e na resistência dos povos indígenas e afrodescendentes. No Brasil, essas

¹ Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). Pós-doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán (UIIM), Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca (USAL). Doutor em Educação pela Universidade de Burgos (UBU). Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca (USAL). Professor visitante no Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB) e Pesquisador CNPq. E-mail para contato: jifadelino@hotmail.com



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

tradições enfrentam desafios constantes, desde a marginalização e preconceitos até tentativas de apagamento dentro dos espaços institucionais. O XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica e X Seminário do PPGREC-UESB, ao trazer a mesa temática Espiritualidade Africana, Indígena e Resistência, proporcionou um espaço para discussões profundas sobre a relação entre espiritualidade, pertencimento e educação.

A mesa, composta por especialistas e lideranças indígenas e afrodescendentes, teve duração de duas horas e abordou temas como a espiritualidade como vetor de resistência, a importância da educação na preservação dos saberes tradicionais e os desafios enfrentados na implementação de políticas públicas que respeitem essas epistemologias.

O presente texto busca descrever as reflexões apresentadas no evento, explorando de forma analítica, por meio da Descrição Densa de Geertz (2008), a influência da espiritualidade na luta por direitos e na construção de políticas educacionais mais equitativas à luz das Leis 10.639/03 e 11.645/08 (Brasil, 2003; 2008) que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos escolares e ambas reforçam a importância da educação antirracista, garantindo que os estudantes tenham acesso a conteúdos que promovam a diversidade cultural e o respeito às identidades afro-brasileiras e indígenas. Elas são essenciais para combater o apagamento histórico e fortalecer a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

ESPIRITUALIDADE INDÍGENA E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES DOS PATAXÓ HÃ-HÃ-HÃE

Os povos indígenas possuem uma concepção espiritual profundamente entrelaçada ao seu cotidiano e à sua cosmovisão. Para os Pataxó Hã-Hã-Hãe, a espiritualidade é um sistema de conhecimento que organiza a comunidade, orienta práticas sociais e estabelece relações com o território e com os ancestrais.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Dra. Maria Muniz de Andrade Ribeiro e Valdomiro Souza Lima ressaltaram que, para os indígenas, não existe separação entre o conhecimento espiritual e o conhecimento acadêmico, pois ambos fazem parte da construção da identidade coletiva.

Um dos pontos centrais da discussão foi a relevância da Educação Indígena Diferenciada, um modelo de ensino que respeita as tradições e os saberes originários e que está assegurado pela Constituição de 1988 (Brasil, 1988). Segundo os palestrantes, a escola, quando moldada a partir das epistemologias indígenas, pode atuar como um espaço de fortalecimento da cultura e de resistência ao apagamento histórico. Situação discutida na obra *A Escola da Resistência* de autoria de Maria Muniz, a qual expressa que os desafios ainda são muitos, incluindo a falta de material didático adequado, a ausência de professores indígenas capacitados e o preconceito estrutural que marginaliza essas formas de conhecimento.

No momento das argumentações, a Mestre Mayá denunciou as invasões, os crimes e os abusos que estavam sofrendo naquele momento os Povos Indígenas da Aldeia Barra Velha e o descaso governamental ao negligenciar proteção aos povos indígenas.

Durante as discussões foram surgindo nomes de autores e pesquisadores indígenas como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, entre outros. Sendo possível associar as discussões às obras como: *Ideias para adiar o fim do mundo* Krenak (2019), que aborda a relação entre espiritualidade indígena, natureza e resistência, criticando a visão ocidental do conhecimento e a obra *O caráter educativo do movimento indígena (1970-1990)* de Munduruku (2012) que discute a importância da educação indígena como mecanismo de preservação cultural e transmissão espiritual.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Os palestrantes enfatizaram que os rituais espirituais não são apenas formas de expressão cultural, mas também mecanismos de resistência e afirmação da identidade. A realização de cerimônias tradicionais dentro das aldeias e escolas indígenas é essencial para garantir a continuidade dos ensinamentos dos mais velhos e a transmissão de valores fundamentais para as novas gerações. Para tanto, foi possível associar a temas como A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), que trazem um relato profundo sobre a cosmologia Yanomami, evidenciando o papel dos espíritos e da natureza na resistência indígena.

A partir das intervenções do público, foi discutido o impacto das políticas públicas na preservação desses saberes. Foram levantadas questões sobre a inclusão da espiritualidade indígena nos currículos escolares, bem como os desafios enfrentados pelos indígenas para garantir que suas práticas espirituais sejam reconhecidas e respeitadas dentro das instituições educacionais ao mesmo tempo que buscaram associações e conexões com autores como Paulo Freire (1970) e sua Pedagogia do Oprimido, a qual fundamenta a educação como ferramenta de transformação social e resistência contra opressões estruturais; Carlos Rodrigues Brandão (2006) na sua discussão sobre O que é educação popular, a qual discute a valorização dos saberes populares e comunitários dentro da Educação Formal e Moacir Gadotti (2007) quando traz a Educação popular na perspectiva de Paulo Freire e aborda o fortalecimento da ideia de uma educação libertadora e crítica, essencial para a preservação das culturas indígenas e africanas.

ESPIRITUALIDADE AFRICANA E RESISTÊNCIA: O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Assim como ocorre com os povos indígenas, a espiritualidade africana é um eixo estruturante das comunidades afrodescendentes e desempenha um papel fundamental na resistência à discriminação racial e religiosa. Durante sua fala,



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Mestre Eudes Batista Siqueira, da Secretaria de Educação da Bahia, ressaltou que, historicamente, as tradições espirituais africanas foram alvo de perseguições e tentativas de apagamento e apresentou sua pesquisa *intitulada Ancestralidade e produção de conhecimentos afro-brasileiros*, que juntamente com Carlos Alberto Noronha e Marise de Santana aponta a urgente necessidade de estudos voltados para a ancestralidade e a produção de conhecimentos afro-brasileiros em contextos locais, contexto escolar, por meio de “projetos interdisciplinares, em parceria com grupos de matrizes africanas, movimentos sociais e comunidade acadêmica”. (BATISTA SIQUEIRA; MACHADO NORONHA; DE SANTANA, 2023, p.553)

O Brasil possui uma longa história de criminalização das religiões de matriz africana, reflexo de políticas coloniais que buscavam eliminar elementos culturais trazidos pelos povos escravizados. No entanto, essas tradições resistiram e se consolidaram como espaços de acolhimento e empoderamento das comunidades negras. Os terreiros de candomblé e umbanda, além de serem locais de culto, sempre foram núcleos de organização política e social, oferecendo suporte para as populações marginalizadas e promovendo a preservação dos saberes ancestrais.

Durante a discussão, Mestre Eudes Batista Siqueira abordou temas relacionados a Identidade étnica, Educação e Cultura Afro-Brasileira; Ancestralidade; Educação simbólica; Educação do Campo e Educação das Relações Étnicas e a extrema necessidade de implementar políticas educacionais que reconheçam e valorizem a espiritualidade africana como parte essencial do patrimônio cultural brasileiro. A inclusão dessas tradições no ensino formal contribuiria para o enfrentamento do racismo religioso e para a formação de cidadãos mais conscientes da diversidade cultural do país.

A interação do público trouxe questões como o preconceito institucional contra religiões de matriz africana e a importância da educação antirracista para



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

combater a intolerância e a associação e correspondência com autores como: Kabengele Munanga (2005) e sua obra *Superando o racismo na escola*, que explora a relação entre identidade afrodescendente, espiritualidade e combate ao racismo; Reginaldo Prandi (2000) e seu material *Mitologia dos Orixás*, no qual apresenta as narrativas mitológicas dos orixás, reforçando sua importância na formação das religiões de matriz africana no Brasil e Sidney Chalhoub (2012) com a obra *A força da escravidão*, que analisa a resistência dos negros escravizados e o papel dos terreiros como espaços de acolhimento e luta.

O mediador da mesa à guisa de conclusões trouxe em sua fala que a espiritualidade deve ser compreendida como um vetor de resistência, não apenas no contexto religioso, mas também como um instrumento de luta por direitos e reconhecimento, e que sem sombra de dúvidas é extremamente necessária na Educação. Ao mesmo tempo que associou todas as discussões com suas pesquisas sobre: o processo de Sobreculturalidade à luz do observado em culturas indígenas, Martins (2021). Conceito que versa sobre os processos de encontros entre culturas, resistência, adaptações e transformações; Marcos legais e direitos dos povos tradicionais expostos na Convenção 169 da OIT (1989) – instrumento jurídico internacional que reconhece direitos territoriais e culturais dos povos indígenas e tribais; Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (ONU, 2007) – documento que reforça a autonomia e a autodeterminação dos povos originários e os Artigos 210, 215, 216, 231 e 232 da Constituição Federal – que regulamentam a proteção das culturas indígenas e afrodescendentes no Brasil.

CONCLUSÕES

A mesa *Espiritualidade Africana, Indígena e Resistência* demonstrou que a espiritualidade é um elemento essencial na construção da identidade dos povos indígenas e afrodescendentes, além de atuar como um mecanismo de resistência



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

contra discriminações e apagamentos históricos. Através do debate promovido no XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica e no X Seminário do PPGREC, tornou-se evidente a urgência de políticas públicas que incorporem as epistemologias espirituais no ensino formal, garantindo que os saberes indígenas e africanos sejam respeitados e valorizados como garantem as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Através das falas dos palestrantes e das intervenções do público, foi possível perceber que tanto a Educação Indígena Diferenciada, quanto a Educação Quilombola, de Culturas Africanas e Afro-Brasileiras são passos fundamentais para a construção de um ensino mais inclusivo e democrático. A espiritualidade, longe de ser apenas um elemento cultural, é um sistema de conhecimento que contribui para o fortalecimento da identidade e da resistência dos povos originários e afrodescendentes.

Dessa forma, este escrito reforça a importância de ampliar os diálogos sobre a espiritualidade na educação, promovendo debates que envolvam pesquisadores, educadores e representantes das comunidades tradicionais. O reconhecimento das cosmologias indígenas e africanas não apenas fortalece a diversidade cultural, mas também contribui para a luta contra a discriminação étnica e religiosa, construindo uma sociedade mais justa, plural e sobrecultural.

RITUAL DE ENCERRAMENTO: CÂNTICOS E ESPIRITUALIDADE NA MESA DO XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA

Ao final da mesa temática Espiritualidade Africana, Indígena e Resistência, realizada no XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica e no X Seminário do PPGREC, a Doutora indígena Maria Muniz, Mestre Mayá, conduziu um profundo ritual de cânticos, trazendo para o espaço acadêmico a força e a ancestralidade dos saberes indígenas. A cerimônia, carregada de simbolismo e tradição, marcou



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

o encerramento das discussões e ofereceu aos participantes um momento de conexão espiritual e reflexão coletiva.

O ritual foi iniciado com um chamado feito por Mestre Mayá, convidando todos os presentes a silenciar seus pensamentos e abrir seus corações para a energia dos encantados. Com voz firme e carregada de significado, entoou um cântico ancestral do povo indígena Tupinambá, invocando a presença dos espíritos protetores da terra, dos rios e das florestas. A melodia, forte e ritmada, ressoava pelo ambiente, criando uma atmosfera de imersão profunda na espiritualidade indígena.

Em seguida, Doutora Maria Muniz acompanhou os versos com gestos simbólicos, movendo as mãos suavemente em direção ao chão, ao céu e aos participantes. Cada movimento era intencional, refletindo o equilíbrio entre os elementos da natureza e a essência dos povos originários. Aos poucos, os espectadores começaram a sentir o impacto das palavras entoadas, absorvendo o significado que transcendia a língua e se manifestava na sensação de pertencimento e conexão com a ancestralidade indígena.

A força dos cânticos evocava memórias e histórias transmitidas oralmente por gerações. Segundo Mestre Mayá, os cantos são formas de manter viva a resistência dos povos indígenas, sendo utilizados tanto em cerimônias de cura quanto em momentos de aprendizado coletivo. O ritual não apenas celebrou a espiritualidade, mas também reafirmou o compromisso da mesa com a luta contra a discriminação étnica e o respeito aos saberes tradicionais.

No encerramento, a Doutora Maria Muniz elevou sua voz em um último cântico, acompanhada por alguns participantes que, sensibilizados pela experiência, passaram a entoar os versos junto a ela. O espaço foi tomado por uma vibração intensa, uma energia que atravessava fronteiras e unia todos ali em um só propósito: preservar e honrar a resistência dos povos indígenas e africanos. Mais



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

do que um simples encerramento, a cerimônia de cânticos proporcionou um reencontro espiritual, reafirmando que os saberes tradicionais seguem vivos e pulsantes na memória dos que se comprometem a protegê-los.

Esse momento transformador marcou profundamente o XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica, deixando no público a certeza de que a espiritualidade continua sendo um instrumento de resistência, identidade e união entre os povos.

REFERÊNCIAS

BATISTA SIQUEIRA, Eudes.; MACHADO NORONHA, Carlos Alberto.; DE SANTANA, Marise. Ancestralidade e produção de conhecimentos afro-brasileiros, no CEJAP, de Gongogi/BA. **Revista Mosaico**, 15(23), 551-575, 2023. <https://doi.org/10.12660/rm.v15n23.2023.88801>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. **Proposta**, Rio de Janeiro, v.31, n.113, p.21-27, jul./set. 2007.



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Daniel Valério. *La **Sobreculturalidad**: a la luz de lo observado en culturas indígenas*. Salamanca: IIACYL, 2021.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena (1970-1990)**. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

ONU. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas**. Nova York: ONU, 2007.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Convenção 169 sobre Povos Indígenas e Tribais**. Genebra: OIT, 1989.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIBEIRO, Maria Muniz Andrade. **A Escola da reconquista**. Arataca-BA: Teia dos Povos, 2021.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA

